

público a oportunidade não só de aproximar-se de documentação inédita, como, o que é muito importante, a de entrar em contato com o processo de produção da obra que lhe é oferecida.

Pensamos que a informação "edição crítica" na página de rosto deveria, portanto, ser substituída por "edição genética", pois não é do estabelecimento de um texto, mas da gênese de um conto, através do estudo de manuscritos, que trata o trabalho conforme lemos (e grifamos) na Introdução: "*Os textos jornalísticos [de Vida do Cantador] têm seu caráter de recortes mudado em originais, manuscritos semelhantes aos 'exemplares de trabalho', onde, sobre os textos impressos, Mário de Andrade cuida da refusão.*" (p. 29)

Neuma Cavalcante

Supervisora de Editoração-IEB-USP

Eu sou trezentos, sou trezentos-e-concoenta. Catálogo de exposição. São Paulo, IEB/SMC, 1992.

Por dois meses, entre agosto e setembro de 1992, o Centro Cultural São Paulo abrigou uma grande exposição sobre Mário de Andrade — *Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cincoenta* — integrante de um conjunto de projetos da Secretaria Municipal de Cultura especialmente concebidos para enfocar o V Centenário dos Descobrimentos à luz dos movimentos de reapropriação identitária, de Tiradentes à Semana de Arte Moderna, que responderam entre nós à situação de conquistados, ou de nação falada por outrem.

Tomado como eixo para desenvolvimento desse enfoque em múltiplas direções - artísticas e críticas, de criação e pensamento — o marco de 1922 impunha a figura de Mário de Andrade enquanto iluminadora poderosa da totalidade dos caminhos a percorrer, uma vez que Mário os percorreu todos: artista da palavra, crítico de literatura e de artes, historiador das artes, pensador da cultura erudita e da popular, pensador da relação entre elas, folclorista, musicólogo, colecionador, viajante, dirigente cultural e correspondente monumental. E que os percorreu praticando uma expressão brasileira escrita, pela qual ousávamos uma fala em língua própria, ou tratávamos de nos falar.

Não quiseram os organizadores entronizar o patrono da moderna cultura brasileira, porém, antes, aproveitando a oportunidade dos cinco séculos das grandes viagens, destituí-lo do papel de modernista oficial, às voltas com um combate unívoco, para lhe devolver o de sujeito embarçosamente dividido — "eu sou trezentos" — este sim à altura de seu tempo de revoluções, e do nosso, de comemorações.

Para oferecer à cidade esse outro Mário, enredado em seus "outros", a Secretaria Municipal de Cultura, que foi um dia a casa do escritor, buscou a colaboração do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, em cujas dependências, no campus, se organiza e guarda o precioso Arquivo Mário de Andrade.

Foi desse acervo — composto de manuscritos, edições originais, fotos, correspondência, inclusive a lacrada, objetos pessoais, coleção de arte brasileira e estrangeira, produtos de viagens de trabalho e bibliografia vasta — que saiu o material necessário ao desenho, concebido pelos pesquisadores do IEB, sob a direção da curadora, Prof^a Telê Ancona Lopez, de uma "autobiografia", traçada como um "Mário de Andrade por ele mesmo". Pelo projeto visual, encomendado pela Secretaria ao escritório de arquitetura Julio Abe, a disposição por justaposição de 80m² de painéis cobertos de textos e imagens instalou um livro aberto no piso superior do Centro Cultural.

Ao longo dos dois meses em que a exposição foi proposta ao público, uma série de 34 depoimentos, repartidos por temas e disciplinas, feitos por familiares, amigos, editores e interlocutores das mais diversas procedências, foram ouvidos e registrados. Procedia-se assim, paralelamente, por iniciativa do IEB, ao recolhimento de uma memória, nunca antes sistematizada, dos que privaram com o autor de *Macunaíma*. Uma memória capaz de desvelar, por exemplo, aspectos do itinerário marioandradino à época do auto-exílio no Rio de Janeiro.

O catálogo da exposição, projeto gráfico, assim como o cartaz, do premiado João Batista da Costa Aguiar, vale como belo testemunho da exposição. Instrumento de trabalho doravante, reunindo imagens, uma cuidadosa cronologia e o ensaio de Telê Ancona Lopez "O riso e o rictus", o catálogo ganha lugar nas estantes dos estudiosos do Multímio.

Sob a guarda do IEB, a exposição cumpre agora o destino que, desde a concepção, lhe foi atribuído: um programa de remontagens, preocupado com a repartição cidadã de um bem cultural que é trazido de um campus universitário para a cidade.

Leda Tenório da Motta

Professora de Literatura Francesa e Comparada
Crítica Literária